

PABLO PICASSO:

Tudo o que fiz na minha vida foi para o presente e com a esperança de que sempre continue no presente

Pablo Picasso que morreu recentemente no Sul da França virado, por uma crise cardíaca aos 91 anos, nasceu a 26 de Outubro de 1881, em Málaga, filho do professor de arte, José Ruiz Blasco e de Maria Picasso.

O artista mais discutido e de maior projecção do século XX passou quase toda a sua vida em França, onde foi pela primeira vez em 1900. Em 1904 ficou residindo em Paris e a seu estúdio em Montmartre transformou-se no ponto de encontro dos pintores e poetas da época.

Uma vida movimentadíssima, de extraordinária vitalidade, de controversa artista e político, atravessado por raios de génio e de originalidade seguir-se-ia à sua transição de Espanha para França.

Os primeiros anos de Paris foram os do período azul, em que essa cor predominava nos seus quadros melancólicos representando personagens infelizes e famintos.

Em 1905, surgiu o período cor-de-rosa e em 1907, o primeiro passo para o cubismo. De que foi o pioneiro e o mestre.

Em 1917 estava em Roma para desenhos o guardião e os cenários do ballet de Cocteau.

Parades interpretado pelos bailarinos russos de Serge Diaghilev. O ballet foi assobiado em Paris, mas Picasso e Diaghilev tornaram-se amigos íntimos e colaboraram durante vários anos.

Depois da primeira guerra mundial, Picasso entrou na fase graco-romana, pintando uma série de mulheres gigantes. Mais tarde, veio a série de retratos de mulher que para o grande público passaram a simbolizar o estilo Picasso — rotundo e corpos cujas feições e membros desafiavam todas as leis da anatomia.

Em 1936, o pintor foi nomeado director do Museu do Prado em Madrid, pelo governo republicano espanhol e organizou a evacuação dos seus tesouros artísticos durante a guerra civil.

A sua famosa composição «Guernica», a branco e preto, talvez o seu quadro mais famoso, inspirado pelo bombardeamento do pequeno porto basco pela aviação alemã, foi pintado para a Exposição de Paris de 1937 e exprime os horrores da guerra civil em imagens apocalípticas.

Com o fim da guerra civil a vitória das forças franquistas, Picasso partiu para o sul da França e declarou que não regressaria.

(Conclui na página 20)



PICASSO: o meu fim, ao pintar, é mostrar o que encontro, não o que estou buscando.

AZAR de gato

Um conto de CARLOS ALVES PEREIRA

Eram seis horas da manhã e o gato continuava a miar. Rápidos do gato, toda a noite, a miar! Metido na fivela aquele gato era sinal de azar. Dona Zefa não passava por ele, fez fúria com a mão esquerda, cuspiu para o lado, lançou uma pedra para o ar. O sol aquecia, o relógio da torre da igreja tinha tocado sete horas. Dona Zefa (velha, tonta de Santomé), avó de muitos mudos muletos, havia acordado ruborizada, enquanto bamba-seva o grande corpo num vai-vem, revoluciona contra o mal-dito gato. O calor apertava mais, seu Miúdo, fumeiro de fuma, escutava o gato, pensava, ouvia sua mulher maldiser o aperecimento do bicho. O bairro estava todo em alvoroço.

Um conto de CARLOS ALVES PEREIRA

go. Velha Domingas, velha de cabelos brancos, estava admirada, nunca tinha visto um gato miar uma noite inteira. Zefa foi para o emprego, jurando matar o gato; por causa dele não pôde namorar. O maldiser gato pôde bairro acordado toda a noite. Miava, dava maneira enquanto isso Chico João, velho, emir, isto é, agorá, para o pessoal. Ele sabia, todos os dias lá dois ou três livros debaixo da manga. E para mais o gato miava.

preto. O maldiser gato virou com versos no bairro. Quando as portas abriam, foram invadidas pelo pessoal; as mulheres comprimavam vozes, para acender no altar da casa, os homens bebiam para refrescar uma noite de calor e esquecer o miar do gato.

(Conclui na página 20)

ARTISTAS e LEITORES

ALMADA NEGREIROS Africano: filho de S. Tomé e neto de Angola

A Vida e a Obra do artista José de Almada Negreiros preceito ser revista à luz da sua naturalidade africana. A primeira infância de Almada marca, indelévelmente, a sua psicologia para a sua vida inteira.

Nasceu José de Almada Negreiros em S. Tomé, na Roca Saudade, freguesia da Trindade, às 3 horas da manhã do dia 7 de Abril de 1893. Da terra da sua naturalidade é arrancado, na tenra idade de 2 anos, e transplantado para a Metrópole, em 23 de Abril de 1895, passando a viver em Cascais, em casa dos avós e tios maternos, da família Ferreira Sobral.

A mãe, Elvira Ferreira Sobral, morreu na ilha de S. Tomé, ano e meio depois, a 29 de Dezembro de 1896. O pai, António Lobo de Almada Negreiros, administrador da concessão, chegou a Lisboa em 1897, ficando, continuou em S. Tomé, totalmente devotado às coisas do Ultramar. Deixa finalmente a ilha de S. Tomé e regressa, a 22 de Dezembro de 1899, para Paris, quase sem passar por Lisboa. O mesmo vapor «Londres» levou pai e filho para a Europa.

Na idade de 3 anos e meio, José de Almada Negreiros é um órfão, em casa dos tios e dos avós. Ele próprio, que mais tarde escreverá alguns: «É sempre preferível a um tio ou a uma tia ou a um casal de tios um estranho para substituir pais. Um cordão umbilical não se faliação. Ou há-o ou não há-o. Menor de Deus, VII — (Obra Completa, 2 — págs. 33).

As pequenas José não deve ter ficado lembrança da mãe, Elvira F. Sobral de Almada Negreiros. O facto, porém, de não ter mãe nunca-o para sempre. E, por isso, António Lobo, apesar das coisas, recorre, em Cascais, duas ou três rápidas visitas.



Almada Negreiros

Lendo e COMENTANDO

DANÇA NEGRA DE MÁRIO MOTA CIDADE E SANZALA DE EDUARDO BRAZÃO FILHO

A conjugação dos elementos do formalismo russo e da crítica estilística colocam-nos imediatamente numa plataforma segura para enfrentarmos qualquer obra literária, principalmente política. O formalismo diz-nos do valor da expressão. A estilística, partilhando o mesmo poético, desvendando o motivo, o eidos que faz nascer a obra. E certo que, para além do duto, se levantou o estruturalismo que, na base, exige já a validade, tanto estética como artística da obra. Só desta modo se pode falar a acção, que faz, de se aplicar a qualquer obra, mesmo a mediana.

Dois obras acabamos de ler: «Dança Negra» de Mário Mota e «Cidade e Sanzala» de Eduardo Brazão Filho. Dois autores de estilo e de poesia muito diferentes. Cada um, integrado na realidade angolana, vê-la a seu modo e, como tal, a interpreta. «Dança Negra», que tira o título do último poema do livro, revela-nos uma alma profundamente receptiva e pronta a viver amocionada com as pequenas coisas do quotidiano. Notemos que a «qualidade» esprou os mais belos poemas de António Jacinto, sem dúvida, o melhor poeta angolano, que isoladamente essa que foi retomada pelas epígonas e outros poetas menores.

O quotidiano de Mário Mota é diferente: resulta do modo como a sua própria sensibilidade aprendeu os apóditos, recriando-os à sua maneira. Isto não faz concluir que o autor de «Dança Negra» se situa no ponto exacto da conjugação estética segundo as prescrições de Baumgarten, o fundador da própria estética. E se bem que a poesia como qualquer outra manifestação artística esteja ty-

(Conclui na página 20)



DESCRIO DA GUERRA EM GUERNICA

Por CARLOS DE OLIVEIRA

o sal silencioso no outro coração; por cima dele, lá, a mão desta mulher de joelhos entre as pernas do touro.

IV

Em baixo, contra o chão de tijolo queimado, os fragmentos dum estátua; ou o construtor da casa, já sem fio de primo, barro, sextas potras? quem tentou salvar o dia, o seu resíduo de gente e poucos bens? apor à química da guerra, aos regentes dissolvendo a construção, as traves, este gládio, esta palavra arcaica?

V

Mesa, madeira posta próximo dos homens: pelo corte da pilina, a liza rigida, a cara sobre o betume, os nós e dedos taciando as últimas rugas; com o amor do carpinteiro ao objecto que nasceu para viver na casa; no silo destinado há muito; como se fosse, quase, uma criança da família.

VI

O pássaro; e sua anatomia rígida; torna cheia de pressa, que se condensa

o amor também: espécie de peso que produz por dentro da mulher os mesmos passos dentro.

IX

Casas desfiladas no alto torço, e chando-as, momentos antes de ruírem, o anjo desolado pensa: entre detritos sem nenhum cerne ou água, como anunciar outra vez o milagre das salas; dos quartos; crescendo cisco e cisco, filho a filho? as máquinas estranhas, os motores com sede, nem sequer beberam o espírito das minhas casas; evaporaram-no apenas.

X

O incêndio desce, do canto superior direito; sobre os edifícios, os degraus das escadas a oscilar; hélices, vibrarões, percutem os alcores; e o fogo, veloz agora, fende-os desmoronando a aquilutação; as paredes áridas desabam: mas o seu desenho sobrevive no ar; sustém-se a terceira mulher; a última; com os braços erguidos; com o suor da estrela tatuada na testa.

(in ENTRE DUAS MEMÓRIAS, 1971)

(Conclui na página 20)

